

Morfologia urbana em praças públicas: Explorando aspectos da vitalidade urbana

Trícia Caroline da Silva SANTANA

Contato: triciasantana@gmail.com

Linha de pesquisa: Morfologia, usos e percepção do ambiente.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata do pré-teste relativo à metodologia de pesquisa de tese de doutorado em desenvolvimento, especificamente no tocante a análise morfológica.

A problemática abordada sugere que, por razões diversas que não serão discutidas nesse estudo, há uma diminuição expressiva no uso dos espaços públicos (SENNET, 1999; GOMES, 2002), no entanto, se considera que esses espaços continuam a ter a relevância enquanto local de reunião, manifestações e lazer dos usuários, e são importantes para a funcionalidade, beleza e conforto da cidade. Assim, o estudo tem como meta vislumbrar e discutir possíveis aspectos que podem incidir sobre a utilização efetiva desses lugares para atividades de permanência.

As temáticas da vitalidade urbana nos espaços públicos e da morfologia urbana são investigadas por diversos autores, tendo sido eleitos para embasarem a análise

que se segue: Gehl (2009), Whyte (1980), Alexander et al (1977), Hillier et al.(1984) e Holanda (2002). Entende-se que a forma urbana, a organização de suas partes e as relações existentes têm influência entre si e nos padrões de uso verificados nos espaços (HOLANDA, 2002) sendo então fundamental seu estudo no tangente à apropriação de áreas públicas, como as praças.

2 OBJETIVO

Apresentar as escalas a serem utilizadas na tese para analisar a morfologia de praças, e que, confrontadas com questões de percepção e uso do espaço, poderão subsidiar a discussão de aspectos da vitalidade urbana.

3 METODO

O referencial teórico-metodológico da análise

morfológica, adaptado de Tenório (2012), subsidiou a construção de escalas de investigação as quais foram aplicadas na análise da praça: a) diversidade no tempo de uso, presença de pólos geradores de tráfego - PGTs, características das vias em um raio de abrangência de 500m a partir do centro da praça; b) uso do solo, características das vias circunvizinhas, características das calçadas, fronteiras suaves, portas e janelas no entorno imediato; e c) mobiliário e equipamento, vegetação – paisagismo e arborização – espaços sentáveis, elemento de identidade da praça. Embasados na literatura, os itens analisados apresentam ‘condições ideais’ que refletem as melhores possibilidades de promoção da vitalidade urbana, enquadrados nos níveis alto, médio e baixo. A escala adotada é apresentada no Quadro 01:

Quadro 01 – Escala de investigação de atributo morfológico.

Atributo	Pouca/ruim	Médio/razoável	Muita/ alto

4 A MORFOLOGIA URBANA SOB ANÁLISE: aspectos que incidem sobre a vitalidade urbana de praças

A análise morfológica feita em três escalas vislumbrou a configuração da praça, em relação à cidade com o

objetivo de averiguar os aspectos/elementos que poderiam contribuir para a vitalidade urbana da área.

4.1 Escala do raio de abrangência (500m)

Foram abordados elementos relacionados às feições físicas do ambiente urbano (organização e hierarquia das vias de tráfego de veículos e pedestres, utilização e conformação do uso do solo e as relações existentes).

4.1.1 Diversidade de tempo de uso

Foi analisada a diversidade de tempo de uso dos imóveis de uso não residencial, e averiguada a complementaridade existente nos horários de funcionamento desses estabelecimentos. Para a sistematização e leitura dos dados foram criadas as seguintes categorias:

- Categoria I: funcionamento em um período do dia.
- Categoria II: funcionamento em dois períodos do dia.
- Categoria III: funcionamento em três períodos do dia.

A diversidade no tempo de uso obedeceu à escala, indicada no Quadro 02.

Quadro 02. Escala de investigação de tempo de uso.

Diversidade no tempo de uso	Pouca diversidade (Presença de até 33%)	Diversidade mediana (Presença entre 34% e 66%)	Muita diversidade (Presença de mais de 67%)

A existência de PGTs é importante para a vitalidade da área já que pode influenciar na presença de usuários no entorno do equipamento. Para averiguar esse aspecto, formulou-se uma escala que se baseou na quantidade dos PGTs existentes (Quadro 03):

Quadro 03. Escala de investigação de presença de PGTs.

Presença de PGTs	Presença de poucos PGTs (até 3)	Presença mediana de PGTs (entre 4 e 7)	Presença alta de PGTs (mais de 8)

4.1.2 Características das Vias

Visou informar as características das vias do entorno, objetivando compreender o tráfego potencial nas vias

que conformam o entorno maior das praças. Levou-se em conta o Plano Diretor da Cidade de Natal (PMN, 2007), especificamente a presença de vias coletoras o raio de abrangência (Quadro 04).

Quadro 04. Escala de investigação de característica de vias.

Características das vias	Presença de poucas vias com grande circulação (até 1 via)	Presença mediana de vias com grande circulação (entre 2 e 3 vias)	Presença de muitas vias com grande circulação (mais de 4 vias)

Foram analisados elementos relacionados ao entorno mais imediato ao equipamento, estreitando ainda mais a abordagem, como: uso do solo, características das vias, características das calçadas, diversidade de uso no tempo, presença de fronteiras suaves, aberturas de portas e janelas.

4.2 Escala do raio de abrangência (entorno imediato)

Abordam-se nesse item, o uso do solo, a caracterização de vias e calçadas e, novamente, a diversidade no tempo de uso, as fronteiras existentes, a abertura de portas e janelas.

4.2.1 Uso do Solo

Referiu-se ao entorno imediato da praça mapeando a diversidade das atividades desenvolvidas. A escala desse ponto em relação à presença do uso residencial consta do Quadro 05.

Quadro 05. Escala de investigação de uso do solo.

Uso do solo	Pouca diversidade no tempo de uso (maior que 71%)	Diversidade mediana no tempo de uso (entre 31% e 70%)	Muita diversidade no tempo de uso (menor que 30%)

4.2.2 Caracterização das Vias e calçadas

Possibilitou visualizar potencialidades do fluxo de veículos e pedestres para o espaço público, o que pode facilitar a co-presença de pessoas na praça e a sensação de segurança, contribuindo para a vitalidade do lugar. O entorno foi classificado em função da quantidade de vias coletoras (Quadro 06).

Também foi avaliada a caminhabilidade das calçadas que contornam a praça. A abordagem foi feita seguindo itens básicos relativos à NBR 5090/04, nos escritos de Gold (2003, p.2), Barreto et al. (2013) e Ferreira et. al. (2001) que ofereceram critérios básicos de análise das calçadas.

Nesse tópico foram analisadas a qualidade de trechos de calçadas com caminhabilidade favorável (Quadro 07).

Quadro 06. Escala de investigação de características de vias

Características das vias	Presença de poucas vias com grande circulação (até 1 via)	Presença mediana de vias com grande circulação (entre 2 e 3 vias)	Presença de muitas vias com grande circulação (mais de 4 vias)

Quadro 07. Escala de investigação de calçadas.

Características das calçadas	Presença de poucas calçadas acessíveis (até 1 calçada)	Presença mediana de calçadas acessíveis (entre 2 e 3 calçadas)	Presença de muitas calçadas acessíveis (até ou mais de 4 calçadas)

4.2.3 Diversidade no tempo de uso

Segundo as mesmas indicações do item 4.1.1 (anterior), a escala adotada foi embasada na (maior ou menor) presença e diversidade de imóveis da categoria III, e está definida no Quadro 08.

Quadro 08. Escala de investigação de uso do solo.

Uso do solo	Pouca diversidade no tempo de uso (maior que 71%)	Diversidade mediana no tempo de uso (entre 31% e 70%)	Muita diversidade no tempo de uso (menor que 30%)

4.2.4 Fronteiras

Ressaltou-se a importância de existir uma relação entre espaço público e espaço privado e a distinção entre um e outro deve ser sutil, em uma área denominada de “fronteira suave” (GEHL, 2009). Com base nessa indicação, foi trabalhada uma escala que levou em conta a existência (presença ou ausência) de fronteiras suaves (Quadro 09).

Quadro 09. Escala de investigação de fronteiras.

Fronteiras Suaves	Presença de poucas fronteiras suaves (de 0 a 2 imóveis)	Presença mediana de fronteiras suaves (entre 3 e 5 imóveis)	Presença alta de fronteiras suaves (mais de 6 imóveis)

4.2.6 Abertura de Portas e Janelas

Considerou-se a relevância da presença de aberturas para o espaço público, contribuindo para a interação visual entre os espaços, o que Jacobs (2001) chama de olhos da rua. Baseado na configuração das aberturas dos imóveis tem-se as seguintes categorias:

- Categoria I: imóvel com muro cego, sem porta e/ou janelas;
- Categoria II: imóvel com muro com porta (ão) e/ou janela (s);
- Categoria III: imóvel com Porta e/ou portão; e
- Categoria IV: imóvel com porta e janela.

A escala adotada priorizou a presença da categoria IV (Quadro 10).

Quadro 10. Escala de investigação de portas e janelas.

Portas e janelas	Presença de poucas portas e janelas (até 2 imóveis)	Presença mediana de portas e janelas (entre 3 e 5 imóveis)	Presença alta de portas e janelas (mais de 6 imóveis)

4.3 Escala do equipamento (praça)

No tocante à praça enquanto equipamento foram averiguadas as propriedades relacionadas a vegetação e espaços para sentar.

4.3.1 Vegetação

Foram avaliados a arborização e o paisagismo, segundo atributos específicos.

a) Arborização

Para esse item as características observadas foram distribuídas em:

- Categoria I: copas das árvores totalmente isoladas.
- Categoria II: copas de algumas árvores apenas se tocando e a maior parte das árvores com suas copas isoladas;
- Categoria III: copas das árvores se tocando, formando um dossel na maior parte da praça;

Para esse item considerou-se a escala apresentada no Quadro 11.

Quadro 10. Escala de investigação de atributo morfológico.

Arborização	Apresenta pouca arborização (categ. I)	Apresenta arborização mediana (categ. II)	Apresenta muita arborização (categ. III)

b) Paisagismo

Foi aferido considerando os canteiros como um todo:

- Categoria I - sem forração (só areia);
- Categoria II- só gramado sem os demais componentes paisagísticos;
- Categoria III - gramado e outro componente paisagístico (arbusto, iluminação, elemento de ornamentação). A escala seguida foi embasada nessa categorização (Quadro 11):

Quadro 11. Escala de investigação de paisagismo

Paisagismo	Apresenta paisagismo pouco trabalhado (cat. I)	Apresenta paisagismo razoavelmente trabalhado (cat. II)	Apresenta paisagismo muito trabalhado (categ. III)

4.3.2 Espaços sentáveis

Foi adotado o termo “lugares sentáveis” (GOMES, 2011, p. 104), decorrente do reconhecimento de que as pessoas se sentam tanto os elementos formais designados para isso (bancos e cadeiras) quanto em outras superfícies que atendem originalmente a outros propósitos (muros, rebordos, peitoris e parapeitos, degraus etc). Foram entendidos formais aqueles elementos confeccionados para este fim (cadeiras, bancos) e informais aqueles que foram formulados para um fim definido mas acomodam outros usos distintos não previstos originalmente.

Foram considerados três aspectos relativos ao conjunto de espaços para sentar: a quantidade, a qualidade e a variedade.

A **quantidade** foi aferida baseada na razão de 1m^2 de espaço para sentar para cada 10m^2 de praça (WHYTE, 1990, p.39):

- Pouca quantidade: até 0,9 m a cada 10m^2 de praça – laranja;
- Quantidade razoável: entre 1 e 1,5m a cada 10m^2 de praça – amarelo (**condição ‘ideal’**);

- Grande quantidade: mais de 1,6m (linear) a cada 10m^2 de praça - azul.

A **qualidade** foi averiguada em relação à conservação e a limpeza existentes:

- Pouca qualidade: nem conservado nem conservado – laranja;
- Qualidade mediana: limpo ou conservado – amarelo;
- Alta qualidade: limpo e conservado – azul (**‘condição ideal’**).

A **variedade** foi baseada nos tipos (variedade da configuração formal):

- Até um (1) tipo: baixa variedade – laranja;
- Entre um (1) e dois tipos: variedade mediana – amarelo (**‘condição ideal’**);
- Mais de três tipos: alta variedade – azul.

Com esses três dados mensurados, foi composta a escala final do item, apresentada no Quadro 12.

Quadro 12. Escala de investigação de atributo morfológico.

Espaços sentáveis	Apresenta baixo padrão (1 aspecto ideal)	Apresenta padrão mediano (2 aspectos ideais)	Apresenta alto padrão (3 aspectos ideais)

5 CONTINUIDADE DO ESTUDO

Baseado na literatura, o quadro teórico-metodológico acerca da morfologia espacial e da vitalidade urbana possibilitou a elaboração de um referencial de investigação em três níveis: alto (bom), médio (razoável) e baixo (ruim). Os itens analisados apresentaram 'condições ideais' que refletiram as melhores possibilidades de promoção da vitalidade urbana, e que de acordo com autores do referencial adotado nem sempre estão enquadrados em alto (bom), podendo ser também médio (razoável) e baixo (razoável).

Para se averiguar os itens definidos como fundamentais para a presença da vitalidade na área, optou-se por realizar levantamentos *in loco*, pesquisas documentais e bibliográficas que serviram para apoiar as análises. Notou-se que eram propostas escalas de investigação (raio de abrangência, entorno imediato e equipamento em si) as quais consideravam a inserção do

equipamento na cidade e as relações existentes em cada nível analítico.

Percebeu-se que cada escala de investigação vislumbrava aspectos diferenciados e que tornou-se mais específica à medida que se aproximada do equipamento em si, revelando questões mais direcionadas ao projeto da praça e à sua relação com o entorno imediato.

A construção de uma escala cromática e gradativa em pontos como bom, razoável e médio possibilitou a sistematização e leitura das informações coletadas de uma maneira clara e objetiva, possibilitando com que fosse aplicada em outras praças públicas com o mesmo intento.

Constatou-se ao final da elaboração do referencial teórico-metodológico e durante a coleta de dados feitas através de levantamentos *in loco* que outros aspectos (gabarito do entorno imediato, nível da praça, contagem de veículos nas vias do entorno imediato) poderiam ter sido incluídos na análise, contudo, considerou-se inicialmente que seriam secundários, pouco incidentes ou inexistentes na realidade vivenciada. Atenta-se à possibilidade de incluí-los na análise proposta para a tese.

A realização desse piloto e as considerações geradas após seu término serviram também para evidenciar a sua importância enquanto instrumento de verificação de variáveis que poderiam incidir sobre a problemática investigada e das escalas utilizadas, possibilitando correções exeqüíveis para a elaboração da tese em si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escalas de averiguação e níveis analíticos distintos empregadas no pré-teste de duas praças resultaram adequadas para indicar possíveis aspectos morfológicos que possam incidir sobre a vitalidade urbana da praça.

Atenta-se para o fato dessa estratégia de abordagem possibilitar a compreensão acerca da importância de se estudar a cidade através de múltiplas lentes que conforme os focos de análise vão se transformando, oferecem informações específicas em cada momento e enriquecendo com isso os resultados finais da pesquisa.

6 REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Christopher, et al. (org.). **A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction**. Nova York: Oxford University Press, 1977

BARRETTO, Margarita; GISLON, Milanez. O *flâneur* revisitado: processos de revitalização urbana e caminhabilidade. In: **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. X, n. 1, p. 54 - 77, jun. 2013.

FERREIRA, M. A G.; SANCHES, S. P. (2001). Índice de qualidade das calçadas. **Revista ANTP**, São Paulo, ano 23.

HILLIER, B.; HANSON, J.; PENN, A.; GRAJEWSKI, T; XU, J. **Natural Movement**: or configuration and attraction in the pedestrian movement urban. Environment and Planning B: Planning and Design. London: Pion, vol.20, 1993.

GEHL, Jan. **La humanización del espacio urbano**: la vida social entre los edificios. Barcelona: Editorial Reverté, 2009.

GOMES, Pedro Manuel Serrano. **Vivacidade**. A animação do espaço público como estado e como acção municipal. Dissertação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Técnica de Lisboa. Portugal, 2011. Disponível em << <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/4058> >> acessado em: 07/03/2012.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 304p.

HOLANDA, Frederico. **O espaço de exceção**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NATAL. **Lei Complementar nº 82, de 21 de junho de 2007.** Dispõe sobre o Plano Diretor de Natal e dá outras providências. Natal, 2007.

RUTZ, N., MERINO E. e HAUAGGE F. do Prado (2007) **Determinação do Índice de Caminhabilidade Urbana;** 16º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito, Maceió, AL – Associação Nacional de Transportes Públicos. Disponível em: <<http://www.cbtu.gov.br/estudos/pesquisa/antp_16congr/resumos/arquivos/antp2007_206.pdf>> Acessado em: 13/10/13.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público:** as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TENORIO, Gabriela. **Ao desocupado em cima da ponte:** Brasília, arquitetura e vida pública. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

WHYTE, William Hollingsworth. **The Social Life of Small Urban Spaces.** Washington DC: The Conservation Foundation, 8ª edição, 1990.